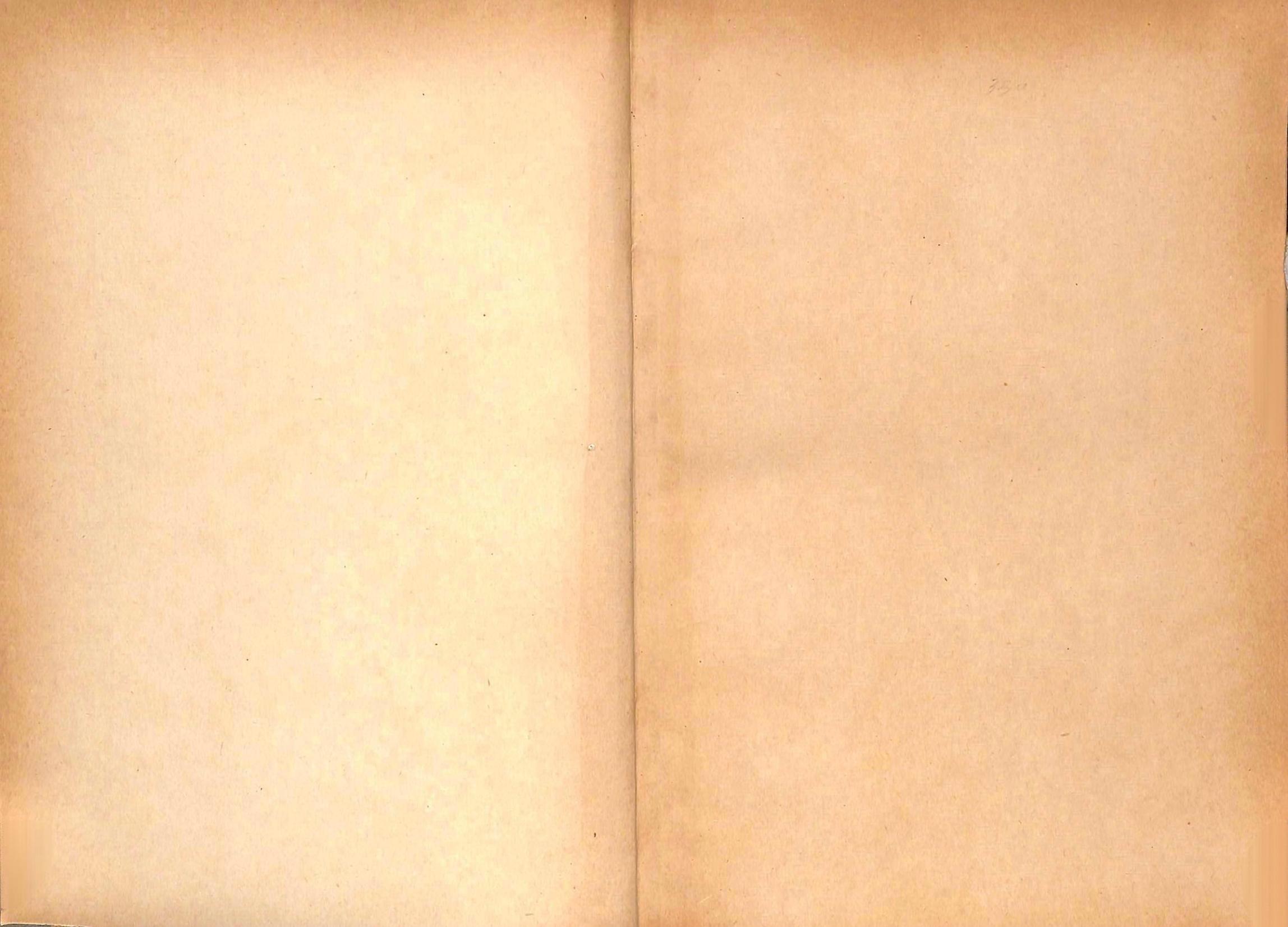






ENCADERNADO
VALLELE
JOSE LINO MARTINS & C
R. CARMOES
TEL. 22412

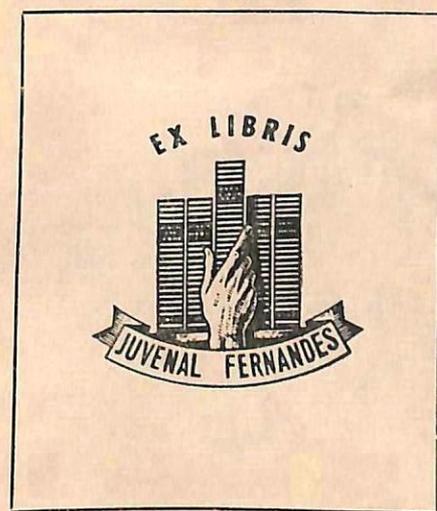


Conservator
na meademaes

PELO AMOR!

*

POEMA DRAMATICO EM 2 ACTOS



POE



12 fss
27/8/28.
Enc ifss
15710/42
(P)

PEÇO AMOR!

*

POEMA DRAMATICO EM 2 ACTOS

ORIGINAL DE

COELHO NETTO

MUSICA DE

Leopoldo Miguez



LAEMMERT & C.—EDITORES

RIO DE JANEIRO

Casas filiaes em S. Paulo e Pernambuco

1897

Companhia Typographica do Brazil—Rua dos Invalidos 93

A

Ferreira de Araujo

Dedico este ensaio como um testemunho duplo
de sincera amizade e de grande admiração.

Coelho Netto.

17 de Abril de 1897.

PERSONAGENS

MALVINA, condessa	D. Antonieta S. da Gama.
DARTHULA, ama.	D. Emilia Barros Barreto.
DORA, dama.	D. Helena de Barros.
SAMLA, feiiceira.	D. Francisca S. da Gama.
O PAGEM	D. Rachel P. de Almeida.
NATHOS, bobo.	Sr. Carlos Alves de Carvalho.
DUCOMAR	Sr. Leopoldo Noronha.
CAIRBAR	Sr. Adhemar B. Romeu.
HIDALLA	Sr. Sylvio Bevilacqua.
LARA	Sr. Honorio Netto Machado.
ARMINIO
MALTHOS, alchimista	Sr. Francisco B. Barreto.
UM PASTOR	Sr. José Marques Braga.
A SENTINELLA.	D. Elvira Gudin.
O MONGE	Sr. Raul Braga.
UMA VOZ	Sr. Raul Saldanha da Gama.
	Sr. Renato Costa.
MONTARAZES.	Sr. Juvencio Braga.
	Sr. Franklin Pacheco.
	Sr. Luiz Rodolpho Filho.
	Sr. T. de Moura Ferreira.
	Sr. A. Pereira Rego.
	Sr. Miguel Austrogésilo.
HOMENS D'ARMAS	Sr. Raphael Pinheiro.
	Sr. L. Ferreira dos Santos.
	Sr. Mario Palhares.
	Sr. João Pedro de C. Vieira.

A acção na Escossia, fins do seculo XIII.

Orchestra: 50 professores.—Regente: LEOPOLDO MIGUEZ

PONTOS

Dr. J. Q. Netto Machado (poema) e Alberto Nepomuceno (musica)

SCENOGRAPHOS

Primeiro acto: O. Camões. Segundo acto: Oreste Coliva.

Representado, pela primeira vez, em a noite de 24 de Agosto de 1897 no Cassino Fluminense.

NUMEROS DE MUSICA

PRELUDIO

PRIMEIRO ACTO

Estrilho do bobo, Canção do grillo
(Sr. Carlos Alves de Carvalho)

Aria Pastoril, Marcha grave e scena de Malvina, Romanza
(D. Elvira Gudín)

Oração de DARTHULA (melodrama), Melodrama e final
(Sr. Carlos Alves de Carvalho)

SEGUNDO ACTO

INTRODUÇÃO

Prece

(Srs. Carlos Alves de Carvalho, Leopoldo Noronha, Sylvio Bevilacqua,
H. Netto Machado e Adhemar Barbosa Romeu)

A dor de Arminio (melodrama), Ballada
(Sr. Carlos Alves de Carvalho)

Entrada de Samla, Aria e Melodrama
(D. Elvira Gudín)

Final

(D. Elvira Gudín)

SCENARIO

Plataforma d'um castello com parapeito ameado no extremo do qual ha uma guarita tendo apenas uma face visivel. Ao fundo, esquerda, uma larga porta deixando ver uma galeria abobadada. Porta á direita.

ERRATA

A paginas 28, onde se lê: « Que o Senhor siga em *sua* frente, Ducomar,
leia-se: Que o Senhor siga em *tua* frente, Ducomar. »



SCENA PRIMEIRA

A SENTINELLA e O BOBO

A sentinella, com a sua alabarda, passeia lentamente ao longo da plataforma.
A voz do bobo, que canta nos bastidores, á direita, vem aproximando-se

O BOBO

Eh! sopra vento do Norte
Traze a minha dóce amada.
Sopra mais! Inda mais forte!
Vúu! Vúu!
Eia! rispida nortada!
Traze a minha dóce amada!

A sentinella sopra o oliphante justamente quando o bobo apparece

La ri la ri la! (Detendo-se) Tão só! nem sequer a tua sombra te
acompanha porque já se vai recolhendo á noite como um regato se recolhe
ao oceano... Um regato?! que digo eu! a gotta d'agua d'um regato.
Boa tarde, vigia cégo. Quem chamas com tamanha atoarda? Se o appello
da tua trompa fundida pôde chegar ao céo vê se consegues deter o sol
como o homem da floresta entorpece o aspide com o seu cálamo. Vê
se o detens para que me não venham pôr nas mãos um pesado cirio á hora
em que o senhor houver de passar por estes corredores tismados de treva.
Sopra com mais alento! põe todo o ar dos teus pulmões no oliphante.

Ah! Ah! pobre vigia cego! Teu grito não chega ao horizonte e, vê tu, a palavra que um homem pronunciou mui longe, em remotissimas éras, quando ainda os deuses andavam pelo mundo, chegou até nós posto que elle não tivesse um bronze soante e fallasse tão baixo que os discipulos, para o ouvirem, cercavam o tronco do limoeiro á cuja sombra elle discorria. Esse homem, mais louco do que eu, chamou-se Soerates. A cicuta adormeceu-o e a sua palavra ainda sóa, enche o mundo. . . e o teu grito? de que serve reboar n'um bronze óco? és capaz de estourar sem que consigas mover o pastor que abebera o rebanho na ribeira da serra. Queres que o dia torne ao céu? Pobre louco! Houve um rei asiatico que açoutou os mares, ha um soldado caledonio que brama chamando o sol como os montarazes chamam os cães da matilha. Pobre louco!

A sentinella faz soar o oliphante

Põe a rosa dos ventos na tua trompa que tem a fórma graciosa de um vaso e ainda assim não conseguirás levar o som á linha do horizonte. Soldado, aproveita melhor o teu instrumento, enche-o de vinho, emborea-o, e se puderes beber sem que uma gotta se te derrame pelo peito, rejubila porque tua esposa não te é infiel, mas que te não succeda o que tanto pasmo causou ao rei Arthur que, por muito amado julgar-se, não guardava suspeita e fazendo a experiencia encharcou-se de vinho. Queres que o teu grito resôe sempre? queres que o ar do teu peito forme uma atmosphaera? fal-o passar pela alma como fazem os philosophos e os poetas.

Senta-se no chão e cantarola

Eh! sopra vento do Norte
Traze a minha dôce amada...

A SENTINELLA

Porque não vais com as tuas jogralices alegrar a gente da cozinha?

O BOBO

Porque não quero interromper a unica cousa séria da vida. Sabes tu, vigia cego, porque trazes no punho esse espiculo aguçado e á ilharga tão pesado montante e o peito encastoadado nessa couraça luzida e um craneo de aço e guantes e rebraços e perneiras e todo esse pesado aceiro

offensivo e defensivo? Dizem-te que és o defensor da vida do teu senhor e da vida dos solarengos. Agora vamos lentamente como quem joga uma partida difficil! Que é a vida? Não é a virtude — o bandido repudiado que traz o stygma na espadua, vive. Não é a mocidade — um centenário, como teu avô, que não achou ainda um tumulto que o quizesse, vive. Não é a belleza — as bruxas que voejam á noite dansando na bruma dos ares, vivem, emtanto, só com descobrirem o rosto hediondo, matam os que, por má sorte, nelle põem os olhos. Não é a força, a criança ahi está, fragil como uma promessa. Não é a luz — o cego, esse eterno noctivago, vive. Que é então a vida? é a pança! O bandido rõe as raizes e os tuberculos sylvestres quando se lhe esquivia a caça; o velho rumina; a bruxa tem como amphytrião o sepulchro; a criança pendura-se á teta materna como uma parasita; o cego fareja a mesa e tudo quanto vive devora. Olha a terra quantas boccas tem escancaradas; olha o mar como passa a sua lingua verde pelas areias como uma féra que lambe a presa antes de engulil-a... olha o dia devorando a noite, olha a noite devorando o dia. O mundo é uma grande pança cheia de pequeninas panças. O inverno é o periodo da digestão universal. Tu não defendes o direito, nem a justiça, nem a religião, nem tudo isso junto que é a moral — tu defendes a pança... e a pança é uma divindade que tem um tabernaculo, a cozinha, e um altar, a mesa. O cozinheiro é um hierophanta. Queres fazer um homem honrado? enche-lhe a pança. Olha, as cidades não se rendem ás armas, rendem-se á fome... A Pança é saturnina: quando não acha que devorar devora-se. Repara no miseravel das estradas, é um esqueleto com alma... e a carne? foi roida pela pança que se adiantou ao verme. A pança, soldado...

Eia! rispida nortada

Traze a minha dôce amada...

Esta é a verdade, vigia cego.

A SENTINELLA

Porque me chamas de cego?

O BOBO

Porque não vês, dadá...

A SENTINELLA

Como não vejo?

O BOBO

Lança os olhos alem... que vês?

A SENTINELLA

A campina.

O BOBO

Isso tambem eu vejo e não sou sentinella, sou um pobre louco. Vê bem...

A SENTINELLA

Vejo os casaes que fumegam, a nevoa que vem cobrindo os montes, o rio... um rebanho...

O BOBO

Mas é para isso que estás armado? Quem vem lá?

A SENTINELLA

Ninguem...

O BOBO

Ah! ninguem... Não vês então que vem chegando a noite? Tu não vês. Se a Morte passasse por aqui não a verias nem a sentirias. O que tu fazes é andar com os olhos tontos d'um lado para outro, justamente como os dos cegos. Anuncia a Morte! vê se podes aperceber o amanhã. Não podes... como tambem não podes ver o que fazem as abelhas no seu cortiço...

Levanta-se e avança para o soldado com a mão no peito.

Olha, tenho aqui um cortiço — tenta ver o trabalho da abelha. (O soldado ri). Ris... pensas que digo insanias... pois ouve lá. O cortiço é o coração, a abelha é a alma, o mel é a lagrima, a cera é a saudade com que é feito o cirio que illumina os defunctos. Então? és cego como os ingratos. O que tu fazes qualquer cão faria com mais segurança e sem tanto apparatus. Uiva, a lua não tarda.

A SENTINELLA

Porque não fallas de outras cousas? Conta-me alguma historia da montanha.

O BOBO

Queres uma historia? Então ouve lá... Estás olhando o céu?

A SENTINELLA

Sim...

O BOBO

Vai-se tornando escuro... sabes porque? Porque vem chegando o velho Cháos. Olha a estrada branca, vês? é a sua immensa barba. E' um velhinho, pai da lua, que é uma donzella pallida. O sol anda louco de amores por ella e procura-a no céu afflictamente apparecendo sempre com fausto para tornar-se digno da bem amada mas, o velho Cháos, que é avaro, vendo-o tão prodigo, não lhe quer dar a mão da filha para que se lhe não escôe o thesouro em dissipações. Assim, logo que o sol recolhe-se elle tranca-se no seu quarto immenso, espalha as suas moedas que são as estrellas e põe-se a contal-as. Nota que nas noites de lua cheia as estrellas são poucas... Mas quando a lua, mal entreabre a porta do quarto, mostrando uma nesga da face surprehende-o com toda a fortuna, rebolcando-se nella, tentando contal-a, trabalho que nunca leva a termo porque o sol apparece e o velho não só esconde as moedas como a filha. E nessa lida ingrata andam os dois — o prodigo a gastar, o avaro a accumular. Que bello seria se o sol casasse com a lua e viessem filhos... Que preferias tu, soldado? sóes ou luas?

A SENTINELLA

Sóes...

O BOBO

Pois eu preferia uma perna de carneiro... (Estira-se no chão, atirando ao ar o seu gorro). Onde deixaste tua mulher?

A SENTINELLA

Em casa...

O BOBO

Não sabia que moravas com o teu vizinho... (Vendo alguma cousa no chão com espanto) Oh! Oh!

SCENA II

Os mesmos, MALVINA, DORA e O PAGEM

Malvina entra afflicta, seguida de Dora e do pagem;
a sentinella perfla-se; o bobo continúa a seguir alguma cousa no chão.

DORA

Não tenhais cuidado, senhora; nada aconteceu.

MALVINA

Ah! Dora, meu coração confrange-se: O coração presente os desastres como a procellaria adivinha as tempestades. Eu sinto-o pesado como um céo que se vai carregando de nuvens... As lagrimas sobem a meus olhos, os soluços vêm como relampagos á minha garganta. Ah! Dora, o coração é vidente...

(A' sentinella). Vê se avistas alguém...

A SENTINELLA, depois de olhar

Pastores...

DORA, junto ao parapeito

Pastores...

O PAGEM, idem

Pastores...

MALVINA, desanimada

Pastores...

DORA

A floresta é grande e os cervos, quando presentem a morte, ganham maior velocidade. Bem conheceis o senhor: tanto mais difficil se lhe torna a empresa, quanto mais empenho elle põe em realizal-a. Elle não se julgaria digno do vosso beijo se tornasse com os cães esfalfados e as armas limpas sem trazer um gamo das collinas. Não tenhais cuidado, senhora...

MALVINA

Quando a fortuna é grande deve-se sempre andar desconfiado da desgraça. Ah! Dora, o miseravel pouco se arreceia de caminhar pelas estradas desertas, mas o rico mercador que volta da feira, esse treme ao menor bulicio da folhagem porque sabe que o espreitam ladrões.
(A' sentinella) Vê se avistas alguém...

A SENTINELLA

Pastores que se aproximam com seus rebanhos...

O BOBO, cantarolando

La ri la ri...

Na sua pequenina lura

Vivia como um ermitão...

Desde a manhã á noite escura

Era de ouvir-se-lhe a canção.

Morreu e vai p'ra sepultura

O pobre grillo castellão...

La ra li ra...

Morreu e vai p'ra sepultura

O pobre grillo castellão.

MALVINA

Que fazes, Nathos?

O BOBO

Uma obra de misericórdia: acompanho o enterro d'um amigo: mestre grillo morreu... Mas não vades multar o condado porque não era francez... aqui nasceu, posso dar testemunho em juizo. Morreu... Ninguem o conhecia, era um grillo philosopho: vivia n'uma frincha do muro e alli cantava desde que o sol nascia até que a noite despejava no céo o seu sacco de estrellas. Creio que foi a idade que o matou... Ah! desde a primavera passada que elle aqui vivia e, para um grillo, duas primaveras são quasi a eternidade. Morreu, e aqui vai o enterro. Vinde ver, são as formigas que o levam e vão com tanta pressa como se fossem herdeiras. Talvez o grillo tenha deixado alguma cousa... tanta solicitude!... tanta

misericórdia... uhm! aqui ha ambição, aqui ha interesse. Vinde ver.
Pobre grillo... (Canta).

Na sua pequenina lura
Vivia como um ermitão...

MALVINA, á sentinella

Vê se avistas alguém.

A SENTINELLA

Ninguem mais, senhora...

MALVINA

Deus! porque o deixei sair.

DORA

Senhora, o vosso espirito sobressalta-se sem razão...

O BOBO

Eh! devagarinho... Como vão com pressa as formigas solícitas...
Mais devagarinho, mestre grillo era tardo. E ninguem o chora... Não terá
elle deixado viuva? hei de procurar na talisca a companheira solitaria...
talvez já outro tenha ido continuar a cantiga no ponto em que a deixou
o defuncto. (Cantando).

Ri, li ri ri

Ahi vem a noite, ó campo verde!
O céo a cor doirada perde.

Ri, li ri ri

Desabotôa o lyrio e exhala,
Trescala a candida cecem,
E o coração que é flor tambem

Trescala

Amor, amor... amor... amor...

Ao luar tranquillo

Cantava assi

O velho grillo

Que vai aqui

Ri, li ri ri...

MALVINA

Já a noite ahi vem. (Ouve-se uma aria pastoril que se vem aproximando). O' que solidão desolada vai ser a minha!

DORA

O vosso amor exagera os cuidados. Bem certo é que nós outras nos preocupamos com o conde não só porque a sua demora priva-nos da vossa alegria sem a qual nada nos parece bem, como porque temos na floresta os nossos esposos e os nossos irmãos. Mas quem se afflige tanto não é o vosso espirito, é o vosso coração. Dai treguas ao amor e pensai calmamente que haveis de ver que não ha motivo para tanto desconforto e tamanho desespero.

O bobo põe-se a examinar o muro ao fundo

O PAGEM

E' bem possivel que o senhor tenha passado o valle em seguimento da caça. Quando, uma vez, sahi com elle, varlete ainda, fomos tão longe levados que puzemos entre nós e o castello dois longos dias de distancia. Talvez tenha succedido o mesmo agora. Quem caça é como quem joga—tudo esquece.

O BOBO

Menos a pança...

MALVINA

Mas nesse tempo ainda o coração do conde não se havia unido ao meu e andava solto.

O BOBO

Como um faleão atraz da pomba... depois que a captivou para que ha de ficar ouvindo arrulhos?... Aos ares... aos ares... ha tantas aves nos ares...

MALVINA

Cala-te, bobo!

O BOBO

Que me cale! Quereis que o vento deixe de soprar, e a onda de fazer o seu marulho, e o sol de luzir, e a agua de correr, e a arvore de dar

sombra e fructo e um louco de fallar? A palavra é o fructo da insania, eu sou louco; devo dar o meu fructo para que não pensem que resolvi fazer-me philosopho.

DORA

Creio que vêm soando trompas...

Todos prestam attenção

O PAGEM

E' o vento...

O BOBO

Deve ser—o vento é buzina. Como elle tem um rebanho de nuvens, toca a sua buzina para chamal-as. E quando o vento sopra annuncia tormenta. Mandem limpar as gargulas para que a agua jorre livremente. Vem ahi um novo diluvio e eu vou já metter-me n'uma cuba e assim, so-sinho, levo todos os animaes commigo, porque dizem que o bebedo resume toda a escala zoologica a começar no leão, que é o rei, acabando no macaco que é o bobo e, por isso mesmo, a imagem tosca do homem. Uma pipa bem cheia e lá vai Nathos pelas aguas... (mettendo o dedo n'uma fenda do muro). Uma folha... ora aqui está a causa da solicitude das formigas... mestre grillo deixou uma folha, uma folhinha verde. E por tão pe-
queno bem tanto se azafamaram as herdeiras vorazes.

MALVINA, inclinada ao parapeito

Quem vai passando em baixo?

A SENTINELLA

Um pastor com o seu rebanho.

MALVINA

Chama-o! Talvez elle possa dizer alguma cousa...

A SENTINELLA

Eh, homem!

DORA E O PAGEM

Eh, pastor!

O BOBO, inclinando-se

Eh, suzerano! Eh! senhor! (Cessa a aria pastoril). Vinde! Vinde e sem receio, porque não vos queremos pedir impostos nem tão pouco a cabeça, mais vasia que a taleiga que trazeis ao flanco. Vinde. (Recolhendo-se). Elle ahi vem... discute com a sentinella da ponte... Entrou.

MALVINA

Deus meu! que dirá elle!...

O BOBO

Talvez seja mudo...

SCENA III

Os mesmos e o PASTOR

O pastor entra timidamente, de cabeça baixa, desconfiado

MALVINA

Aproxima-te! D'onde vens?

O PASTOR, receioso

Ao amanhecer sai com o meu escasso rebanho de magras ovelhas...

O BOBO

Elle começa a desfazer no gado para que lh'o não tomem. Faria o contrario n'uma feira... Se as tuas ovelhas são magras a culpa é tua que não lhes dás bom trato..

MALVINA

Não viste meu esposo e senhor, o conde, com os seus cavalleiros?

O PASTOR

Senhora, no sitio em que me colloco, que é a aba da montanha, passam apenas pastores e os frades que andam a construir a ponte sobre o rio... ninguem mais.

MALVINA

Não viste então a cavalgada?

O PASTOR

Não vi, senhora. . .

DORA

Este rustico falla receioso. Não te queremos fazer mal, dize a verdade...

O PASTOR

Mentira seria outra cousa qualquer que eu vos dissesse...

MALVINA

Deixai-o ir... deixai-o ir...

O PAGEM, ao pastor

Vai!

O pastor faz grandes zumbaias e vai recuando até desaparecer

O BOBO

Vai asinha, pegureiro, e trata de engordar o teu rebanho para que o lobo não embote os dentes no arcabouço.

(Malvina, Dora e o pagem entram á direita vagarosamente. Depois de uma pausa, deixando-se). Estamos sós, sentinella. A tarde esfria... Vai para a guarita que é a tua carapaça e deixa-me aqui flear.

O soldado entra na guarita. Vai escurecendo; bocejando: Ah! (Recomeça ao longe a aria pastoril). Foge! foge, pegureiro... (Depois de uma pausa, repousando a face sobre a palma da mão). Uma cousa me tem sempre preocupado: para onde vão as palavras que os homens pronunciam? desfazem-se, desaparecem... a palavra é a poeira do pensamento. O homem que mais falla é o que menos produz. Nos idiotas ha uma brisa perenne que levanta torvelinhos... nos loucos são formidaveis cyclones que arrastam densas nuvens de poeira... Que produz a poeira? anda solta no ar, não fica junto de uma raiz, cega, atordôa e mata e, levada de deo em deo, para onde vai a poeira? Eu conheci um mudo que fallava, não que a sua lingua esteril produzisse mas, escrevendo, arranjou com as paginas outras tantas

linguas que fallam até hoje e que hão de fallar emquanto houver dois olhos que passeiem sobre caracteres... Ah! mas os que apanham as palavras e calmamente as depuram e amassam e as levam ao fogo que é o genio, esses fazem da poeira inutil monumentos eternos. Que é o barro? terra vermelha e arida, nas mãos de Deus é o homem. Ha palavras que nem tocam o solo, tão leves são, caem das linguas e logo vão pelos ares fóra como o « Amo-te! » das mulheres e « consciencia » dos juizes... Poeira... (Deita-se).

SCENA IV

O BOBO E DARTHULA

DARTHULA, entrando afflicta

Pobre senhora!

O BOBO

Quem vem lá?

DARTHULA

Darthula! Estás só?

O BOBO

Estou agora contigo...

DARTHULA

Pobre senhora!... está lavada em lagrimas.

O BOBO

Esperança é o caminho do desespero. Espera... espera... Elle está talvez sentado á beira de algum lago vendo a lua banhar-se.

DARTHULA, no parapeito

Vê se avistas alguma cousa...

O BOBO

Vejo tanto quanto pôde ver uma toupeira no seu palacio. (Caminhando para a direita). Que a paz fique em tua companhia. Boa noite! E não demores muito tempo exposta porque podes morrer transida e a treva não tinge os cabellos brancos. Boa noite!

DARTHULA

Para onde vais?

O BOBO

Para a terra de Cocagne! excellente paiz onde ha fartura de manjares, por onde o vinho corre em leitos como a agua dos rios. Oh! o bello paiz! O gado nedio anda solto pelos campos e quem tem fome escolhe a sua rez, talha uma posta e manda o animal refazer-se no prado...

DARTHULA, sem voltar-se

Pois não morre do golpe?

O BOBO

Não morre... (Darthula ri). Duvídas? então não crês em Deus?!

DARTHULA

Como não creio em Deus...!?

O BOBO

Não crês... Elle fez o mesmo que fazem os de Cocagne. Tu, rascóia, és a costella de um animal que está aqui vivo. Tudo está em saber tirar...
Darthula... tudo está em saber tirar...

Cantando

Eh! sopra vento do Norte (vai saindo).
Traz a minha doce amada...

Sopra mais! inda mais forte!

.....
A voz perde-se nos bastidores, á direita.

SCENA V

DARTHULA, depois CAIRBAR

DARTHULA, debruçada ao parapeito

Mas que terá acontecido!? (Ouve-se um som longinquo de trompa. A sentinella responde da guarita). Serão elles? Sim, são elles... Vejo luzes... São elles... Depressa, Dartthula! vai como a cotovia anunciar a manhã alegre áquelle coração cheio de pesadellos. Mas alguém aproxima-se... E' um cavalleiro... Ouço o estrepito do animal. (Ouve-se a trompa mais perto). Quem será? Quem quer que seja ahi vem... atravessa a ponte. Ah! Deus do céu... Senhor Jesus! que elle não venha confirmar com a sua presença as apprehensões da senhora. Ahi vem...! Meu coração salta como se quizesse sair do peito para ir ao encontro do mensageiro. Aquieta-te...! Aquieta-te...! está como um cão que reconhece o seu dono. Eil-o...

Entra Cairbar exausto.

Senhor Cairbar! Senhor Cairbar! Que novas trazeis?

CAIRBAR, abatido

Ah! Dartthula!

DARTHULA

Que tendes, senhor? O vosso desalento é um precursor sinistro do vosso recado. O senhor...?

CAIRBAR

Em má hora tomei o ginete escuro, que é o mais veloz de quantos foram, porque fez com que eu fosse escolhido para tão triste missão. Porque não se me deparou em caminho um rochedo de encontro ao qual nos desfizemos, eu e o meu ginete, para que assim a outro ficasse o encargo doloroso.

DARTHULA

Mas o senhor?

CAIRBAR

Vem quasi morto... Eu digo quasi porque fallo a linguagem dos infelizes, que é da esperança.

DARTHULA

O' desventura !

CAIRBAR

Foi a intrepidez que o perdeu. Fomos sem accidente até á beira do valle e lá o sói nos encontrou como seus andarilhos, repousados sobre a relva fresca, enquanto os animaes refaziam-se; mas um dos cães levantou n'um bosque proximo um formoso gamo, o mais bello que temos visto nestes campos. Sem demora cada qual tomou o seu corcel, ganhou a sella e o hallalli alegre poz em alvoroço a campina e o arvored. O animal era forte e corria como o proprio vento; os cães levavam os ventres de rasto e não conseguiam apertar a distancia que o gamo ia dilatando. O senhor, que o perseguia de mais perto, lançou o seu cavallo á toda redea e nós, tanto quanto podiam os nossos animaes, fomos seguindo o rasto subtil que o outro ia deixando, porque o vento que levantava na carreira era tão forte que revolvía a areia, apagando os vestigios das suas patas ligeiras. E corriamos. O delirio ia associar-nos á mesma desgraça quando Ducomar, que se puzera á frente, avistou os cães ladrando á beira d'um vallo e logo, presago, deteve o animal e, embocando a sua trompa, soou para que acudissemos. Quando chegámos já o vimos desesperado, atroando os ares com imprecações e as lagrimas caiam-lhe pela barba longa como dois rapidos por um despenhadeiro. Ah! DARTHULA! o pobre senhor, levado pela furia do seu ginete, não teve tempo de evitar o perigo e, cavallo e cavalleiro, despenharam-se no fundo e pedregoso vallo.

Pobre senhora !

DARTHULA

CAIRBAR

E como hei de eu dizer á condessa tal desgraça ? !

DARTHULA

Melhor é que nada lhe digais...

CAIRBAR

E quando ella vir apparecer o conde que vem amortalhado no proprio sangue, porque as roupas lá lhe ficaram nas urzes e nos pedrouços...? Vai tu, DARTHULA! Vai tu e prepara-lhe o coração para o golpe. Nunca se deve arrojara a victima da altura da felicidade para que não pereça na queda... é mais humano que a façam descer pouco a pouco, degraó por degraó, até o fundo do infortunio. Vai e dize-lhe alguma cousa... eu direi tanto quanto me permittir a palavra... o corpo que ahi vem dirá o resto... Vai !

DARTHULA

Ah ! minha pobre senhora ! minha pobre senhora !

Entra á direita soluçando.

CAIRBAR

Eu teria mais animo para ir insultar um inimigo na sua tenda, protegido por uma cerca de lanças, sob um tecto de escudos, do que tenho para dizer a uma fraca mulher que uma desgraça a feriu. O' palavra ! ó palavra ! porque me foges como a sombra... Que hei de dizer ? Como hei de começar ?

SCENA VI

CAIRBAR, O PAGEM, depois MALVINA, DORA e DARTHULA

O PAGEM, entrando precipitado

Cairbar ! Cairbar ! Que é feito do senhor ?

CAIRBAR, levantando a cabeça

Olha bem para mim... ! Ainda é preciso que eu falle ?

O PAGEM

Morto !

CAIRBAR

Se o proprio sangue não se congelou á bocca das feridas, detendo o resto que foge com a precipitação com que o povo abandona uma cidade onde a Morte entrou... já ninguem lhe ouvirá uma curta palavra. (Ouve-se um grito).

Senhor, ajudai a minha lingua nesta embaixada difficil e dolorosa... que eu não diga tanto que a mate nem tão pouco que ella não comprehenda.

Arminio!

MALVINA, nos bastidores

Senhora... senhora!

VOZES, nos bastidores

Pobre senhora!

O PAGEM

Pobre senhora!... Como eu tremo... nunca me acovardei assim em presença da morte...

CAIRBAR

MALVINA, nos bastidores

Meu senhor! Meu senhor! Meu senhor! Meu senhor!

Entra desgrenhada entre as damas do seu sequito e vai direito ao parapeito
O' Arminio! (Cáe nos braços das damas soluçando).

Disseste-lhe tudo?

CAIRBAR, á Darthula

DARTHULA

Disse as primeiras palavras e ella, como se lesse no meu coração, comprehendeu tudo, rompendo logo a chorar. Pobre senhora!

CAIRBAR

Bem pobre, em verdade, porque perdeu a maior fortuna que era a sua alegria.

O PAGEM

Melhor é que a deixem chorar.

CAIRBAR

E' necessario — nada de represar o pranto para que lhe não rebente o coração.

MALVINA, flebilmente

Arminio! (Volta-se para Cairbar e fita-o).

CAIRBAR, á parte

Deus meu!

MALVINA

Falla, Cairbar. Tu que foste o mensageiro dá conta do teu sinistro recado.

CAIRBAR, hesitante

Senhora... foi no valle...

MALVINA

Ah! não me digas em que sitio foi para que eu não fique detestando um pedaço da terra. Falla-me delle apenas... vive ainda?

CAIRBAR

Quando parti ainda respirava...

MALVINA

O ar, halito universal... ó ar sagrado da noite, alenta-o... Que elle venha ao menos com vida para me ver morrer... quero que os seus olhos sejam os meus dois cirios... Falla, Cairbar...!

CAIRBAR

Ainda respirava...

MALVINA

E as feridas? falla-me! falla-me dos seus soffrimentos...

CAIRBAR

Senhora... que vos devo eu dizer que não seja a verdade...?

MALVINA

Dize a verdade! dize... Não te enterneças com as minhas lagrimas; se ellas correm eu não as sinto. Falla! (Cairbar hesita) Falla!

DARTHULA

Melhor é que falles, Cairbar

O PAGEM

Sim, é melhor.

DORA

Falla!

MALVINA

Falla!

Ouve-se o som da trompa; voltam-se todos e escutam

CAIRBAR

Ides ver, senhora (á parte) O' cruel officio! E o sangue que escachôa no meu coração não me suffoca.

MALVINA

Ahi vem! Ahi vem! O' noite triste!

DARTHULA

Animo, senhora!

MALVINA

Queres mais animo do que tanto que tenho mostrado, DARTHULA? se resisti á primeira dor e se espero de pé o golpe supremo como aquelle que olha sobranceiramente o carrasco que o deve ferir...? Queres mais animo? (A trompa sôa mais perto). O' a voz temerosa... a voz que vem da noite!...

DORA, debruçada ao parapeito

Eil-os que chegam...

MALVINA

Falla, Dora... pergunta.

O PAGEM

Se ainda vive.

DARTHULA

Sim, se vem vivo...

CAIRBAR, á parte

Vivo... só se a Morte pratica actos de misericordia.

Chegam-se todos ao parapeito, menos Malvina que fica á distancia, anceiando, o ouvido á escuta

DORA, fallando para baixo

Hidalla! Senhor Hidalla!

DARTHULA

Senhor Hidalla!

O PAGEM

Senhor Hidalla!

CAIRBAR

Hidalla! Hidalla!

MALVINA, avançando impaciente

Arminio! Cavalleiros, dizei-me se vem vivo ou morto...

UMA VOZ, das profundezas

Ainda vive...

TODOS

Ainda vive!

MALVINA

O' Deus! se o trouxestes com a alma até aqui, por certo não lh'a arrancareis do corpo quando elle fôr o penhor dos meus braços.

O PAGEM

Entram...

DARTHULA, á Malvina

Vinde, senhora...

MALVINA

Deixai-me! Elle tem de passar por aqui!... Se vem vivo quero desfolhar o meu coração em lagrimas felizes sobre o meu senhor que triumphou ainda uma vez da Morte... Se vem morto... que o meu corpo seja a estrada do seu enterro...

CAIRBAR

Senhora é bom que o não agiteis com as vossas palavras porque elle precisa de repouso ; ouvindo-vos o seu coração ficará sobresaltado e talvez, por uma expansão de amor, se lhe esvaia o resto de sangue que ficou fiel ao coração. Calma... Se o virdes vivo resisti á alegria com mais coragem do que resististes á dor.

Serei forte.

MALVINA

O' lucta tremenda !

DARTHULA, á parte.

O BOBO

Nos bastidores, ao longe, cantando dolentemente

Eh ! sopra vento do Norte
Traz a minha doce amada...

MALVINA

Que voz é essa ?

DARTHULA

E' Nathos que canta.

O BOBO

Sopra mais ! inda mais forte
Vúu ! Vúu !

CAIRBAR, chegando aos bastidores

Cala-te, Nathos.

O BOBO

Eia ! rispida nortada !
Cairbar sai impetuosamente. Ouvem-se gritos do bobo

MALVINA

Ainda não apparecem... Como vêm vagarosos...

DARTHULA

Isso é de bom agouro, senhora. Se o corpo viesse vasio não o trariam com tanta lentidão e cuidado.

Cairbar entra

CAIRBAR

Eil-os ahi, senhora...

DARTHULA

Meu senhor !

SCENA VII

Os mesmos LARA, DUCOMAR, HIDALLA, picadores e montarazes

Os picadores trazem archotes. Dois montarazes conduzem o corpo de Arminio em uma maca tosca feita de galhos, coberta de folhas e repousam-n'a silenciosamente desabrindo-se.

MALVINA

(Acerca-se da maca, vai a gritar mas abafa o grito, contém os soluços ; avança, recúa, sempre entre as damas que a não deixam). O' Lara, ó Ducomar, ó Hidalla e vós todos, meus amigos, tende piedade de mim... ! eu sou uma fraca mulher. Porque não permittis que eu lhe veja o rosto ? Se vive porque tamanho receio a menos que a vossa crueldade haja sido tão grande que em tamanha desgraça houvesseis arranjado uma mentira para que eu não me precipitasse forçando-vos a transportar, em vez de um, dois cadaveres. Deus não seria tão cruel que o matasse quando elle estava tão perto de mim para que as nossas almas partissem juntas. Piedade ! Deixai que eu o veja. (Hidalla descobre lentamente o rosto de Arminio). O' mou senhor... ! Como vem pallido... ! (Ajoelha-se e vai beijal-o, mas Cairbar avança).

CAIRBAR

Senhora...

MALVINA, contendo-se

Sim, tens razão, Cairbar. Mas como está pallido...! (Movimento de alegria, surdamente). Ah! descerra os olhos... Ha luz ainda no fundo das suas pupillas... que não seja o fogo fatuo... que não seja o fogo fatuo. (Baixinho) Arminio! Arminio!

O PAGEM, á parte

Não é tão branco o marmore de um sepulchro.

DARTHULA, á parte

Não é tão pallido o luar.

MALVINA

Tem ainda calor... as suas arterias pulsam...

HIDALLA, em soliloquio

O' esperanza! quem a chama filha do céo diz uma grande mentira. Ahi está a pobre dama agarrada á illusão... O' passo amargurado! Onde ella pensa existir uma outra vida nada existe senão o reflexo da sua propria vida. O calor que tanto a alegra é o seu proprio calor. Luz nas pupillas oh! que não seja a febre do seu desespero que se reflecta naquelles olhos rebalsados como o sol se reflecte nos gelos... Pulsação de arterias e o que ella sente é o bater precipitado do seu proprio sangue... (Aos cavalleiros) Pobre dama! Mas não a desilludamos! Que venha o physico, os que curam têm como officio annunciar a morte porque já sabem os discursos da occasião e, com um gesto sóbrio, dizem mais do que nós outros diriamos com todas as palavras da lingua. Não a desilludamos...

DARTHULA

Porque não transportamos o senhor?

CAIRBAR

Sim, é melhor...

MALVINA

Mas de vagarinho, de vagarinho como quem leva uma sensitiva. De vagarinho... de vagarinho.

ROMANCE

Emquanto os montarazes vão lentamente erguendo a maca e saem, uma voz canta ao longe:

Antes de eu ver-te, Branca Flor,
— Que eu não te visse melhor fóra —
Tanto ao pastor como á pastora
Eu perguntava — que era amor.

No mesmo dia em que te vi,
Sem carecer de explicador,
Vim a saber o que era amor
Porque em teus olhos aprendi.

Jamais te eu visse, Branca Flor!
Maldigo agora aquelle instante.
Oh! como eu invejo o ignorante
Depois que sei o que é o amor.

MALVINA, ao pagem

Vai, vai a correr e traze Malthos que deve estar na sua cella... vai a correr... que elle venha no mesmo instante. Quero que seja o carcereiro d'aquella vida. Vai, vai a correr.

O pagem sae a correr pela porta da esquerda.

Fallando aos montarazes:

Devagarinho... Devagarinho...

DORA á parte

Minha pobre senhora...

MALVINA

Ah! Dora! nós eramos como as duas conchas d'uma balança cheias de amor... o fiel da ventura apontava o zenith. Se elle partir, destruindo o equilibrio, onde se precipitará Malvina que, alem do peso da sua dor irreparavel ainda terá, por sobrecarga, a saudade. O fiel declina para o occaso... Ah! Dora, Dora!...

DARTHULA, á parte

Pobre senhora!

Vão saindo lentamente pela direita

CAIRBAR

Oh se não estiver junto d'agua de um balseiro com o seu sapo amoroso.

DUCOMAR

Nada digamos á condessa. Ella não consentirá. (Os cavalleiros fitam-n'o pasmados; com segurança.) Ella não consentirá. Agora a vós: se não disputais a honra da commissão, deixai que eu seja o emissario. Vou mais seguro do exito da empreza porque os meus annos são uma forte armadura contra os dardos do amor. Vós outros, prevenidos como ides, facilmente sereis victimados e, quando quizerdes recorrer ao animo do coração elle se terá bandeado do dever para o Amor... Meu coração está petrificado. Cabe-me a honra da embaixada.

LARA

Vai então, Ducomar.

CAIRBAR

E que o teu ginete só resfolegue á volta.

DUCOMAR

Boa noite !... e silencio !...

HIDALLA

Que o Senhor siga em sua frente, Ducomar.

Ducomar sae pela esquerda.

SCENA IX

HIDALLA, LARA, CAIRBAR, depois MALTHOS e o pagem

HIDALLA

Vamos, senhores; a nossa presença aqui póde provocar commentarios desfavoraveis. Vamos partilhar a dor que opprime quantos vivem neste castello ou á sombra larga dos seus muros. A condessa, desolada, lança os olhos em torno e não nos encontra. Vamos, para que se não diga que,

emquanto a tormenta flagellava as almas, nós viemos buscar tranquillo abrigo neste vão do castello onde não chegam lagrimas nem soluços. Vamos !

O PAGEM, á esquerda, fundo.

Mais depressa, mestre Malthos... mais depressa.

CAIRBAR, olhando á esquerda

Ahi vem Malthos.

LARA, mesmo jogo

Sim é elle !

Entram Malthos e o pagem.

MALTHOS

Que a paz do Senhor seja comvosco, cavalleiros.

HIDALLA

Salve !

CAIRBAR

Tu que és um velho falcão vê se podes apanhar no espaço a vida que vai fugindo, fazendo com que ella reentre na sua prisão.

MALTHOS

Mas, pelo que diz o pagem, é excusado que eu force as minhas pernas, travadas pela idade, a uma inutil carreira porque o senhor já é apenas um corpo.

LARA

Ainda não.

MALTHOS

Está frio como a pedra de um tumulo.

HIDALLA

Ainda não.

CAIRBAR

Pareces desanimado, Malthos ?

CAIRBAR

Ou se não estiver junto d'agua de um balseiro com o seu sapo amoroso.

DUCOMAR

Nada digamos á condessa. Ella não consentirá. (Os cavalleiros fitam-n'o pasmados; com segurança.) Ella não consentirá. Agora a vós: se não disputais a honra da commissão, deixai que eu seja o emissario. Vou mais seguro do exito da empreza porque os meus amos são uma forte armadura contra os dardos do amor. Vós outros, prevenidos como ides, facilmente sereis victimados e, quando quizerdes recorrer ao animo do coração elle se terá bandeado do dever para o Amor... Meu coração está petrificado. Cabe-me a honra da embaixada.

LARA

Vai então, Ducomar.

CAIRBAR

E que o teu ginete só resfolegue á volta.

DUCOMAR

Boa noite!... e silencio!...

HIDALLA

Que o Senhor siga em sua frente, Ducomar.
Ducomar sae pela esquerda.

SCENA IX

HIDALLA, LARA, CAIRBAR, depois MALTHOS e o pagem

HIDALLA

Vamos, senhores; a nossa presença aqui póde provocar commentarios desfavoraveis. Vamos partilhar a dor que opprime quantos vivem neste castello ou á sombra larga dos seus muros. A condessa, desolada, lança os olhos em torno e não nos encontra. Vamos, para que se não diga que,

emquanto a tormenta flagellava as almas, nós viemos buscar tranquillo abrigo neste vão do castello onde não chegam lagrimas nem soluços. Vamos!

O PAGEM, á esquerda, fundo.

Mais depressa, mestre Malthos... mais depressa.

CAIRBAR, olhando á esquerda

Ahi vem Malthos.

LARA, mesmo jogo

Sim é elle!

Entram Malthos e o pagem.

MALTHOS

Que a paz do Senhor seja comvosco, cavalleiros.

HIDALLA

Salve!

CAIRBAR

Tu que és um velho falcão vê se podes apanhar no espaço a vida que vai fugindo, fazendo com que ella reentre na sua prisão.

MALTHOS

Mas, pelo que diz o pagem, é excusado que eu force as minhas pernas, travadas pela idade, a uma inutil carreira porque o senhor já é apenas um corpo.

LARA

Ainda não.

MALTHOS

Está frio como a pedra de um tumulo.

HIDALLA

Ainda não.

CAIRBAR

Pareces desanimado, Malthos?

MALTHOS

Desanimado... porque? Vou com todo o meu animo; digo apenas que só farei repontar a vida se ainda encontrar um filamento de raiz. Mas, se tudo houver sido devastado? Acreditaes que com toda a sciencia dos livros o lavrador possa fazer brotar uma vinha? emtanto, havendo um grão de trigo, pode-se fazer reviver um trigal, com uma scentelha reaccende-se a fogueira extinta... mas sem o germen, sem o germen... Se tudo houver desaparecido e só existir a terra, o barro, como hei de fazer germinar a vida sem um só elemento? Não vou desanimado. Se for possível... farei. Podeis prender o sol? cavai fundo o terreno e escondei na terra fecunda um nimbo do meio dia... Não o conseguireis... é sonho, é absurdo como é absurdo tentar prender a vida depois que ella houver desertado o corpo. Se houver uma scentelha...

HIDALLA

Talvez haja... (Malthos menêa tristemente com a cabeça). Tu não tens esperança?

MALTHOS

E' quem me acompanha á camara dos doentes, é quem eu deixo como enfermeira junto dos moribundos.

IARA

Então vamos. Da-me o teu braço, apoia-te a mim. Divide commigo o peso da tua idade—traze o teu espirito e deixa que eu conduza o teu corpo. Vamos! (Ouve-se o som do oliphante).

CAIRBAR, debruçando-se ao parapeito.

E' Ducomar que parte. (A Hidalla). Vamos!

HIDALLA

Sim, vamos... (Ao pagem). E a condessa?

O PAGEM

Pobre senhora!

MALTHOS

Se houver ainda uma scentelha... se houver ainda uma gotta de sangue que não se haja coagulado...
Vão saindo lentamente pela direita.

SCENA X

DARTHULA, depois o pagem e dois criados

DARTHULA

Entra precipitadamente; atordoada.

Ah! meu Senhor! Ah! meu Senhor! Pobre menina! Pobre menina! (Depois de uma agoniada pausa). E afinal, que vim eu fazer? que vim eu fazer? Ai! de mim... O espirito parece que se mudou do meu corpo dividindo o meu ser em duas partes — uma que se agitasse, que andasse e gritasse, outra que lá está junto do leito onde a morte reina. Ai! de mim... Que vim eu fazer? (Lembrando-se). Ah! sim... senhor Ducomar! (Chamando). Senhor Ducomar! Senhor Ducomar! Talvez elle esteja bem perto de mim mas os meus pobres olhos ainda tornam mais escura a noite. Senhor Ducomar! Senhor Ducomar! Não está... Pois é possível tamanha desgraça, meu Senhor Jesus?! Uma menina que eu eriei aos meus peitos, uma menina que começou a fallar nos meus braços, que andou pela minha mão, que creceu á minha sombra, que rezava commigo nas contas do meu rosario, que me confiava todos os seus segredos... porque foi a mim que ella fallou do conde quando o viu a primeira vez... foi a mim... « Ah! DARTHULA, minha boa DARTHULA, se o visses... » E fui eu que a vesti para a bóda. (Desesperada). Pois é possível, Senhor Jesus?! depois de tamanha ventura tão irreparavel desgraça? Que ha de ser de mim? Que ha de ser de mim? Ah! meu Senhor Jesus... (Ajoelha-se). Ah! meu Senhor Jesus...

VOZES, fóra.

Na cella...

DARTHULA, levantando-se

Senhor Ducomar! Senhor Ducomar... Que ha de ser de mim? Que ha de ser de mim...? (Entram o pagem e dois criados, com brandões). O senhor...

O PAGEM

Agora mesmo Malthos retirou o espelho no qual o halito poz um reflexo de vida. Ainda vive mas, tão minguido é o sopro que não daria alento a um rouxinol. Vamos á cella de Malthos buscar os cordiaes que devem operar o milagre.

DARTHULA

E que disse Malthos?

O PAGEM

Que não nos detivéssemos em caminho.

DARTHULA

Ide! Ide então... e que Deus dê virtude ao elixir de Malthos. Ide, não fiquéis a ouvir uma velha demente. Ide! (impelle o pagem)

O PAGEM, aos criados

Vamos!

Entram os tres á esquerda

DARTHULA

Ha ainda um pouco de ar... ha ainda um pouco de ar. Ah! meu Senhor Jesus! Agora que é grande o silencio escutai a oração da pobre DARTHULA! Não vos peço por mim... (depois de uma pausa) não, não! é quasi por mim que vos peço, é quasi por mim. Quando se toma um fructo verde que a arvore teve apenas o trabalho de gerar, faz-se-lhe um confortavel seio onde elle amadureça a um brando calor... foi o que eu fiz recebendo-a como um legado supremo da que se finou ao dar-lhe a vida. Meus braços arrastando os sonhos que esvoaçavam em torno do seu berço e, por tanto que lá deixou raizes e eu sou como um pouco de terra que só vale pelo arbusto que alimentou. Hei de acompanhá-la, hei de segui-la e, se ella recolher-se ao tumulo, como poderei ficar nívando diante da pedra tumbal como um molosso que, seguindo o seu senhor, vê que elle entra em casa e tranca a porta deixando-o abandonado ao frio e á noite? Ah! meu Senhor Jesus!

ainda assim, julgai a minha intenção, não deis ouvido á minha demencia. Se eu peço pelo conde, que assim por ella peço, lembro-me, meu Senhor, porque eu sou como a sombra escrava que segue, de rasto, o corpo de seu dono... Eu sou uma velha demente... uma velha demente... uma velha demente.

(O pagem e os criados, saindo da esquerda, atravessam a scena e entram á direita)

Ah! meu Senhor Jesus! Ah! meu Senhor Jesus! (Ouve-se o oliphante. Entrando á esquerda): Que hora será?

SCENA XI

O BOBO depois DARTHULA

O bobo entra vagarosamente, pensativo e pára em meio da scena.

O BOBO

Estão os papeis invertidos... que dizia eu? o que era hontem loucura bem póde ser bom senso amanhã. D'antes só havia um louco — era Nathos; agora só ha um homem que pensa — é Nathos. Todo o castello está cheio da atroada que fazem os vociferadores... mas quanta hypocrisia! Os olhos estão vermelhos como se por elles houvesse escorrido sangue, porque os punhos, como a vara de Moysés, esfregam esses rochedos estereis fazendo o milagre estupendo de os transformar em fontes. Pobre Nathos! como tu és imbecil... Nunca passarás de um bobo de côrte porquê descuraste os nobres estudos do fingimento, sciencia em que são profundos todos os cortezáos. Porque não has de tomar parte no côro das funeras? porque não has de chorar e imprecar e arrancar os cabellos como fazem todos em torno do leito do pobre homem? Ah! Nathos, has de morrer simples bobo de castello; tu és sincero, idiota. Tens uma opinião? esconde-a e segue a opinião do teu amo; que importa que ella não seja a do teu espirito? é a do teu ventre porque é a que lhe dá proventos. Levanta vivas ainda que o faças com a convicção com que uma caverna rebôa... Chora, ainda que a tua lagrima caia com a mesma indiferença com que a agua estellicida de uma stalactite... Procede assim se queres ser armado cavalleiro. Tu dizes a verdade, é teu officio dizer verdades, mas porque não o exerces francamente? porque não tens coragem — atacas entrincheirado na Loucura... e se assim não fizesses desde muito andarias

pelos ares no ventre dos corvos. E's tambem hypoerita... A unica que sente lá está de joelhos, muito branca, derivando um pranto silencioso como uma geleira em deflúvio e em torno della os ursos fremem. O' hypoerisia protheica que lenteja como lagrima, que estúa como soluço, que impreca, que sorri, que enaltece... ó mascarada ridicula! Pobre senhor...! ainda o seu corpo está tepido como a cinza onde expirou a ultima fagulha e já os corvos crocitam com avidez em volta. Pobre Nathos! o bobo és tu! Quando podias estar a fazer alarido na camara com os cortezáos vens embuçar-te na noite para chorar escondido. Idiota, põe a tua lagrima a premio; o que te cae dos olhos perde-se, secca, desaparece no solo, e se fôrem vistas as bagas do teu pranto, se te não renderem hoje, render-te-hão amanhã. Não lances ao pedregulho tão preciosa sementeira. Vai... (ouvindo passos) Alguem... Foi talvez compor diante do espelho polido uma physionomia desolada... vem já com a mascara no rosto, é mais um para a pantomima.

Deita-se voltado para a esquerda, á espreita. DARTHULA entra com uma candeia. Dando com o bobo illumina-lhe o rosto. O bobo conserva-se impassivel.

DARTHULA

Nathos? Estiveste na camara... como vai o senhor?

O BOBO

Sem lhe dar attenção canta melancolicamente:

Na sua pequenina lura
Vivia como um ermitão;
Desde a manhã á noite escura,
Era de ouvir-se-lhe a canção.
Morreu e vai p'ra sepultura
O pobre grillo castellão...
La ri li ra

Darthula faz um gesto como para significar que é louco e encaminha-se para a direita.
O bobo, sempre deitado, volta-se, e, com a face na mão, fica a olhar, calado; por fim estribilha:

Morreu e vai p'ra sepultura...
O pobre grillo castellão.

O panno baixa lentamente.

ACTO SEGUNDO

LAY MORTAL DE TRISTAN

*Je feiz jadis chansons et lays,
Mais à ce poinct toutes les lais,
Amour m'occist; n'est-ce bel lais ?
Si faitz ma dernière plainte,
Puisque je vois ma vie éteinte
Et ma chair de grand douleur taincte,
En chantant en fais ma complainte.*

*Amor, che a nullo amato amar perdona
Mi prese del costui piacer si forte
Che, come vedi, ancor non mi abbandona*

Amor condusse noi ad una morte
.....

DANTE. *Inferno*—Canto V

SCENARIO

Salão no castello. Portas á direita e á esquerda. Ao fundo, velada por uma ampla e pesada cortina, a camara de Arminio. Um alampadario illumina a scena. Escabellos.



SCENA PRIMEIRA

CAIRBAR, LARA; depois DORA, depois DARTHULA
e um monge

CAIRBAR, que tem estado á escuta á entrada da camara

Não ouço o menor ruido. Malthos trabalha com o seu ajudante, o silencio. Quem sabe? é possível que os meus ouvidos, atordoados com tanto rumor de desgraça, se me tenham tornado infieis esquecendo-se de transmittir ao meu espirito os recados que recebem. Vem tu experimentar, Lara: escuta.

LARA, depois de algum tempo de attenção

Nada... nada ouço.

Dora sae da camara, pé ante pé, desolada

OS DOIS, tomando-lhe o passo

Então, Dora? que diz Malthos?

DORA

Ainda não lhe saiu uma palavra da bocca. Lavou-o com uma esponja embebida em balsamo e foi como se houvesse arrancado uma tunica de purpura do corpo martyrisado. Pobre senhor!

LARA

E a vida?

DORA

Se existe ainda encantoou-se de tal modo que, até agora, não foi possível descobri-la.

E a condessa?

CAIRBAR

DORA

Pobre senhora! Está como a mulher de um naufrago que da praia avista o esposo agoniado sem, todavia, poder salvá-lo. De quando em quando uma esperança o traz á tona mas logo outra vaga o devora e ella lá está, de joelhos, calada, com os olhos como duas feridas que sangram sem descontinuar. Pobre senhora!

DARTHULA, á esquerda

De vagarinho... de vagarinho. Oh! praza a Deus que o pobre espirito ainda não tenha partido sem a provisão de misericordia para a grande viagem. De vagarinho...

(Entra com um velho monge; os cavalleiros curvam-se diante delle e o religioso abençoa-os.) Por aqui... (Corre a cortina e desaparece com o monge na camara).

Um religioso...

LARA

CAIRBAR

E' a Fé que vai substituir a Esperança. E' necessario salvar alguma cousa para que se não perca tudo.

DARTHULA

Apparecendo á porta da camara; com mysterio.
Silencio...

Dá a entender que o conde está sendo unguido e, deixando cair a cortina, ajoelha-se. Ajoelham-se todos os cavalleiros e oram. Em meio da prece o bôbo entra pela direita e fica a olhar mas, vencido pela imponencia do acto, ajoelha-se igualmente e acompanha a

PRECE

A vida a flamma derradeira exhala...

Embora em pranto o doce amor accorde-a

Só tu podes ainda reanimal-a,

Deus de misericordia!

Fez a Morte uma presa e Amor a imita
No proceder funesto ao que parece.
Se n'um a flamma escassa mal crepita,
Exhausta n'outra extingue-se, fallece.
Embora em pranto o doce amor accorde-a
Só nos olhos immoveis transparece
A vida de quem tanto nos merece,
Deus de misericordia!

Os cavalleiros saem pé ante pé pela direita, seguindo o monge. Dora entra na camara justamente no momento em que Malthos sae.

SCENA II

O BOBO e MALTHOS

MALTHOS, saindo da camara

Não... lembro-me bem! Se os pinceis obedecessem ao meu desejo, se executassem, como servos fleis, a minha vontade eu reproduziria em uma tela o céu daquella noite de Maio com todas as suas constellações. O luar era tão branco e puro que os campos pareciam laminados de prata. Era bem tarde! do campanario da ermida a ave nocturna respondia ao rouxinol. Era bem a hora espagirica, era bem a hora serena — o espirito do mundo repousava. Ergui-me do escabello e comecei a trabalhar no amal-gama maravilhoso: sal puro, elemento astral que se dilue nas aguas do mar e anda diffuso no ar imponderavel; o acetol, e o principio androgyno, o grande Rei, a agua viva da prata. Tracei no muro, sobre a luz branca do luar, o pentagramma; tres vezes invoquei Astaroth, o fulgurante e ateiei o lume vendo borbulhar na retorta o ternario fundivel; e a distillação começou gotta a gotta e, durante a operação, nem uma só vez Hecate desapareceu, nem uma nuvem toldou o seu limpido disco... e a fleuma sublime eil-a, o elixir philosophal, que é a Vida contra a Morte, que é o renascimento perpetuo, que congrega o disperso, que assimila o erratico, que dissolve o sangue coagulado, que reanima a chamma sob a cinza... sangue da Phenix sempre viva. O' espagiria! espagiria!... Terá, por accaso, o

vôo d'uma estryge empanado o brilho d'un raio do plenilunio tão de leve que eu não visse nem sentisse esse billionesimo de sombra? Porque será que não opera o liquido vital? Terá a Morte poder contra o proprio Poder? (Depois de uma pausa) Ah! o horoscopo! o horoscopo... (Pausa) E ficará nesse sangue? Talvez não... talvez não... E que outra fonte derivará para o abysmo da morte?... (Presagamente) Um alto carvalho do parque seccou da noite para o dia e caio com estrondo... o sino da capella soou por si mesmo... as aguas do lago amanheceram sanguinolentas... (Surdamente) O' a fatalidade... a fatalidade...

O BOBO, rindo ironicamente

Eh! eh! eh!

MALTHOS, voltando-se

De que te ris?

O BOBO

Do espelho. Eu sou um pobre louco e porque o meu reflexo apparece de tunica e grave como um sabio, com a cabeça mais branca do que o viso de um monte gelado, tendo por sceptro um balão e uma especie de solidéo em vez de gorro?... será o genio um reflexo da Loucura? Ou eu vejo mal ou a minha imagem é mestre Malthos. (Rindo) Eh! eh! eh! (Caminhando para Malthos). Pobre velho! Pobre velho!... Eh! eh! eh! Tens então um elixir lunatico que dá vida aos mortos?... Da-m'o, quero verter algumas gottas sobre o teu craneo para reanimar a tua razão moribunda. Pobre velho! Que idade tens? (Malthos lança ao bobo um olhar de desprezo e caminha lentamente para a esquerda; o bobo persegue-o). Que idade tens? (Apanhando uma folha secca do chão) Mestre Malthos sapiente, derrama uma gotta do teu liquido nesta miseranda folha... vamos reverdecer a infeliz... Eh! eh! e queres pôr de pé o tronco que abateu...

MALTHOS, com desprezo

Idiota...

O BOBO, inclinando-se

Meu venerando irmão.

(Entram os dois á esquerda. O bobo vai rindo ironicamente)

SCENA III

MALVINA, DORA; depois DARTHULA

Malvina apparece á porta da camara desfigurada; depois de alguma hesitação avança para um escabello onde se atira, a chorar.

DORA

Minha senhora, porque vos haveis de affligir...?

MALVINA

Oh! deixa-me! que queres tu que eu faça da minha dôr? hei de aprisional-a no coração? Achas pouco toda uma noite de lagrimas contidas? Deixa-me! Pois não hei de chorar? que queres tu que eu faça...? Dizem que ha esperança... esperança naquelle gèlo, esperança naquella immobildade... Deixa-me! Ah! meu Deus, porque não me feristes directamente? porque derrubastes o tronco deixando o galho intacto...? a arvore não deixa orphãos — quando morre seccam todas as folhas... E eu hei de ficar, Deus meu? Ah! não dôe tanto morrer como ver morrer... Eu hei de ficar sosinha no mundo, meu Senhor? Vós, que comprehendestes que um corpo não poderia viver sem alma tanto que lh'a destes com o vosso halito, como quereis que eu viva como um fructo do qual as aves damninhas levaram a polpa deixando apenas a casca?... Que será de mim? E' o fim do mundo então?! já não ha misericordia?... Quem ha de ser meu guia? E' o fim do mundo? E este diluvio não afoga a minha vida porque a esperança é uma arca e é na esperança que todas as minhas forças se concentram e sobrenadam... mas eu não vejo um cimo e a verdura que avisto é a ramaria funeral do salgueiro. Ao menos não me negueis lagrimas, Senhor... Pobre de mim, creatura infeliz! (De repente) Nã é elle que geme? sim, é elle! (Levantando-se impetuosamente) Vai ver, Dora... Vai ver... (Dora espia á porta da camara e faz com a cabeça um aceno negativo). Não ha nelle mais dôr... então? Antes elle abalasse o castello com os seus gritos. Oh! a dôr bemdicta! a dôr bemdicta! porque não ha de elle sentil-a? (Em soliloquio) A dôr... a dôr é a fiel companheira da vida... onde ha fumo ha luz, onde ha dôr ha vida. O infante desprendendo-se

do ventre grita anunciando-se... elle não, a morte abafa; o tumulo é uma bocca fechada. Porque não ha de elle gemer, Deus meu!? E que se ha de fazer? Malthos nada conseguiu, o monge despojou-o dos peccados porque nem elle deu pela presença do religioso para que lhe transmittisse na confissão os delictos da sua alma! Ah! meu Deus! e não ha ninguém! ninguém! ninguém! Os homens não têm poder algum. De que serve estudar? para que gastar o oleo das lampadas em vigílias inuteis? Ah! os livros são os tijollos de uma nova Babel (Entra Darthula) Ah! Darthula, tu que conheces todas as hervas dos montes, as que nascem na humidade e as que brotam nas pedras, minha boa Darthula, vê se te lembras de alguma que o possa reanimar. Pensa, Darthula! tem pena de tua filha, Darthula! Vê se te lembras... Elle não póde morrer, não é, Darthula? não é? dize! (Atira-se aos braços de Darthula soluçando) Todos fogem de mim porque me veem à braços com um cadaver... só tu me és fiel, minha boa Darthula. Vê se te lembras... Tu dantes, quando me levavas ao campo, mostravas-me todas as hervas das quaes não só os nomes sabias como as virtudes conhecias... Não havia uma que reanimava? tu me disseste...

DARTHULA

Ah! minha filha...

MALVINA

Tu tambem, Darthula? então nada mais se póde fazer? (Darthula baixa o rosto). Nada mais?! elle vai morrer..? e tu tens coragem, Darthula?

DORA

Dizem que com uma vara de freixo cortada d'um só golpe curam-se todas as feridas...

MALVINA

E onde ha essa arvore de misericordia?

DORA

Mas não deis credito, senhora! são bruxedos.

MALVINA

Que importa! Onde ha essa arvore benigna?

DARTHULA

Talvez no bosque...

MALVINA

Ah! minha boa Darthula!

DARTHULA

Sim... vou a correr... vou a correr...

DORA

Mas dizem que é indispensavel que seja cortada d'um só golpe.

DARTHULA

D'um só golpe...

MALVINA

Depressa, Darthula!... E tu crês, Dora? (Dora faz um momo) Crês... crês! porque não dizes que crês? Ah! meu Deus! porque hão de todos conspirar contra mim? Que mal fiz eu? Senão crês porque permittes que a pobre velha vá, através da noite, procurar uma arvore na floresta? Chama-a então... Chama-a! (Dora encaminha-se para a esquerda, avançando) Não, deixa-a ir... deixa-a ir... Ah! meu Deus! (Entra na camara).

DORA

Acompanha Malvina com o olhar até que ella desaparece na camara. Caminhando para a direita, com fervor, de mãos postas:

Tende piedade, meu Deus!

Ouve-se o oliphante.

SCENA IV

O BOBO, depois DUCOMAR e LARA

O BOBO

Entra pela esquerda preocupado e pára ao fundo; pausa:

Estranha ordem: não fallarás. Os senhores cavalleiros vedam-me o direito de fallar... Vou tomar um habito religioso... Um rouxinol cantou durante toda a noite... porque não foram, com alabardas, intimar o passaro ao silencio? Porque não encobriram o luar? porque não represaram as aguas que rolam com tamanho fragor? porque não encarceram o vento para que não agite os ramos fazendo tão continuado sussurro? porque

não vão aos casaes fiscellar os bois que muge e as ovelhas que balem? não, voltaram-se todos contra o pobre Nathos: não fallarás. Então a minha palavra é mais forte do que a atroada das cousas e dos seres brutos? Não fallarás... Tanto melhor, é um feriado que me dão. Bem precisava eu de um dia de retiro. Ha muito tempo que não converso com a minh'alma.. nem sei se ha alguma novidade no meu coração... (Senta-se talvez haja (Depois de uma breve concentração) Não, não ha nada, cá estão os antigos espectros, sempre os mesmos... meu coração é uma casa mal assombrada: minha mãe cá está, em vez de subir ao céo veio ficar aqui dentro; cá está o meu primeiro amor dos vinte annos... e outras muitas banalidades. (Tocando na frente). E cá em cima? Vamos fazer uma limpeza no torreão... Quantas idéas futeis...! quanta teias de aranha! quantas teias de aranha! (De repente). Oh! aqui está uma idéa que não é má! O castello de Avalon, no paiz de França... O castello de Avalon... ahi está! Porque não levam o senhor ao castello de Avalon aonde a fada Montgueil mandou Ogier? Qualquer cavalleiro ferido, ainda que o corpo seja todo uma chaga, que pisa uma só das lages do castello fica logo curado. E é tão bello o solar... (Com attenção). Minha mãe está fallando: «As lages brilham e chammejam, as portas são de puro marfim, a sua altissima torre é toda cravejada de gemmas, os tectos são de ouro finissimo e, no cimo do edificio uma aguia de ouro, de azas espalmadas, suspende no bico um diamante que faz ciume ao sol.» (Rindo contente). Ah! ah! não te esqueceste, velha mãe... não te esqueceste... (Sisudo) Porque não o levam ao castello de Avalon? é uma idéa... (Depois de uma pausa; com a mão na frente:) Que fumo é este que d'aqui se levanta como do côlmo d'uma choupana? que doce musica... que parece vir de muito longe...! (Prestando attenção) Ah! espera... (Enlevado). Pois ainda vives, velha ballada? Oh! a velha ballada! como a memoria conserva... Tão velha! eu tinha quinze annos quando a ouvi e parece que agora vai nascendo em mim... Oh! a velha ballada...

(Canta a meia voz)

BALLADA

Desabrochava a primavera
Quando se disse a lastimar
Que um lindo moço que morrêra
Deixára noiva n'um villar.

A triste nova apenas era
Sabida alli no meu lugar,
Quando, mais pallida que a cêra,
Surgiu a moça a soluçar.

Como a noticia alem soubera
Não pôde a misera explicar;
Nem tambem como a sós viera
De longe pôde nos contar.
Partira a pé desde a severa
Serra onde andava a pastorear,
E olhando os montes percebera
Que não errara no viajar.

Logo que soube onde era a cova
Lá se partiu tristonha e a sós.
Que linda moça! era tão nova...
Como era doce a sua voz!
Quando chegou ao campo santo
Nem signal dava de emoção;
Tirou dos hombros o seu manto
E fez na cova uma oração...

Depois... um gano que a seguia
Ao vêr o ferro d'um punhal
Correu... Coitada! já morria
Sobre o canteiro funeral.
E disse então, olhos sem luz,
Palavras taes a moça nova:
« Quiz ser a lapide da cova
E não ha lapide sem cruz... »

E a cruz a que se referia
Era a do cabo do punhal...
E alli ficou, lapide fria,
Na sepultura do zagal.

(Fallado)

Graças, minha boa mãe... graças!

DUCOMAR

(Entra arrebatadamente, arquejante. Vendo o bobo vai direito a elle): Os cavalleiros?! (O bobo, depois de fital-o, indica por mimica que não póde fallar) Estás mudo? (Signal affirmativo do bobo) Pois eu tenho uma vara magica que restitue a palavra aos que a perdem. Dá graças a teu Deus por haveres encontrado quem te fizesse tão grande mercê. (Arranca da espada e investe com o bobo que recúa).

O BOBO

Senhor, prohibiram-me de fallar... quereis que a vossa espada faça um desobediente?

DUCOMAR

Ah! já não tens a lingua perra, animal?

O BOBO

Senhor... foi com uma espada que me impuzeram silencio... com a mesma arma quebram o sello da minha bocca...

DUCOMAR

Onde está Dora? Vai a correr chamal-a... (O bobo sae pela direita). A correr! (Sentando-se; depois de uma pausa). Que haverá entre essas duas mulheres que se detestam como a agua e o fogo? Que odio singular póde assim apartar duas creaturas? Porque essa execração de Samla? E d'onde terá surgido a lagrima que lhe brilhou na palpebra quando lhe fallei da desventura do conde? Que estranho sentimento terá gerado aquella gotta de pranto? piedade? odio não, o odio flammeja, não deriva... ternura? amor... quem sabe? Terá o conde partilhado com os elfos e os gnomos florestaes o coração dessa creatura selvagem? Sim, d'antes, quando era ainda donzel, dias e dias e noites passava o nobre mancebo longe do castello e só... Terá elle trahido os espiritos da noite?! Samla tem um segredo. Tanto que lhe fallei em acompanhar-me, logo se lhe encandesceram os olhos e dos labios irrompeu uma expressão de odio contra a condessa mas, só com eu dizer o nome do conde ella ficou tão alegre como se a vestisse um sorriso. Ah! miseranda!

Lara entra pela direita.

LARA, adiantando-se ancioso.

Ducomar!

DUCOMAR

Lara!

LARA

Então!?

DUCOMAR

Afortunadamente o luar prendeu-a na cabana; a noite clara é inimiga dos sortilegios.

LARA

E ella?

DUCOMAR

E' uma pobre mulher... e formosa. Ao vêr-me não mostrou receio julgando-me, talvez, perdido na floresta mas ouvindo-me, Lara... Não sei como cabem em corações odios tão grandes! Samla detesta a condessa!

LARA

Como a condessa a detesta...

DUCOMAR

E porque?

LARA

Porque os corações encontraram-se no mesmo ponto.

DUCOMAR

O conde foi amante da feiticeira?

LARA

Não affirmo, presumo. Ninguém fallava com mais loquacidade dos maleficios de Samla. Foi elle, a bem dizer, quem espalhou a lenda sinistra que hoje apavora o camponio e o homem d'armas. Não ha pastor que leve o seu rebanho para os lados da floresta nem soldado algum, por maior que seja a sua fadiga, ousará buscar repouso á sombra das grandes arvoredos... o nome de Samla é o guarda da floresta e mais temido do que Robin-Hood. O conde, emtanto, muitas e muitas vezes foi visto saindo do meio nemoroso e tão triste e pensativo como se alli houvesse deixado a felicidade. Não duvido da sua coragem, julgo-o capaz dos feitos de

Beowulf mas, Ducomar, penso e com fundamento, que elle não ia á floresta pôr o seu animo á prova senão cobrir de beijos os olhos encantadores da creatura selvagem e, para que ninguem o surpreendesse com a sua Viviana ou mesmo algum atrevido moço, enlevado pela formosura de Samla, não tentasse seduzil-a, cercou-a da lenda, encerrou-a n'um impenetravel labyrintho de pavor certo de que ninguem se atreveria a aventurar-se em tão arriscados meandros povoados pelos genios malignos. Não te parece que penso com algum acerto, Ducomar ?

DUCOMAR

Creio que dizes a verdade, Lara.

LARA

A condessa, mais sagaz que os homens e sabendo, por informações, que o conde voluntariamente transviava-se, deixando os largos e desassombrados caminhos pelos trilhos escusos da floresta, entrou a desconfiar e, tanto que chegou aos seus ouvidos a fama da belleza de Samla, logo o que era suspeita se fez certeza, o que era cuidado se fez ciume e Samla tornou-se a aversão da sua alma.

DUCOMAR

Creio bem, Lara. Mas, se a feiticeira rival lhe salvar o esposo ?

LARA

Ella talvez lhe agradeça, mas não lhe perdoará o passado. E Samla poderá salvar-o ?

DUCOMAR

Assim o espero...

LARA

Ainda será tempo ?

DUCOMAR

Talvez...

LARA

Então porque não a annuncias ?

DUCOMAR

Não, ella entrará com o rosto velado e veio com a condição de penetrar a camara desacompanhada. A condessa não saberá jamais que ella aqui esteve... Eu direi que a fui buscar no monte, que é uma santa mulher maravilhosa em curas.

LARA

E se a condessa der pelo engano, Ducomar ?

DUCOMAR

Já o conde estará salvo e intercederá por nós.

LARA

E' o que pretendes fazer ?

DUCOMAR

Foi o que combinamos.

LARA

Então avia-te porque receio que a demora seja fatal ao ferido.

DUCOMAR

Espero Dora que ha de levar o aviso á condessa.

SCENA V

DUCOMAR, LARA, O BOBO, DORA; depois HIDALLA,
CAIRBAR e o PAGEM

DORA

Entra sobresaltada; o bobo acompanha-a

Senhor Ducomar... fostes vós ?

DUCOMAR

Sim, fui eu, Dora ; mas não te sobresaltes. Onde está a condessa ?

DORA

Deve estar na camara.

DUCOMAR

Vai e dize-lhe que eu a espero nesta sala com uma boa nova.

DORA, á parte

Uma boa nova... Que será? (Entra na camara).
Hidalla e Cairbar entram pela direita.

HIDALLA

Ducomar !

Reunem-se ao fundo, á esquerda, e conversam.

O BOBO, á parte

Conspiram... (Entra o pagem)

O PAGEM

Em que pensas, Nathos ?

O BOBO

Em fazer-me jardineiro... Não achas que é uma bella vida ?

O PAGEM

E que pretendes cultivar ?

O BOBO

A semente que primeiro dá o fructo e depois de morta dá a flôr...

O PAGEM

Que estranha planta é essa ?

O BOBO

Nós... O homem é a melhor semente porque é a unica que dá uma flôr immortal... tanto mais bella é a flôr quanto mais os olhos regam-na. Olha, a roseira que produz rosas póde, da noite para o dia, perder o viço com a neve ou com os excessivos calores; a gardenia macula-se apenas com a gente cheiral-a; o lyrio murcha ao sol; a violeta fana-se; a margarida desfolha-se ao menor vento; o cravo fenece, descora e morre. Agora a outra semente logo que cae no sulco do arado fecundo reponta em haste que vai subindo, subindo, subindo e passa as nuvens e vai além do sol, e vai além! até o throno de Deus e lá então a flôr immarcessivel desabrocha: é a Alma. Agora queres que te diga porque primeiro dá o fructo? Já viste

um craneo ? é como a casca de um fructo, a polpa foi devorada pelo mundo : era a idéa. Pois não achas ? qual é o acto da vida que não custa um pouco de cerebro ?... Pensa... não, não penses, vais desperdiçar. Olha uma aula... está alli o sabio a fallar e os alumnos se vão instruindo com o que lhe sae do craneo... são como abelhas agarradas a um fructo sapido e dalli saem e vão fazer o mel e vão fazer a cêra... E tudo mais é assim. Julgas, por exemplo, que as batalhas são ganhas pelas armas ? Ah ! meu donzel, a Victoria nem sempre se faz parceira do mais valente, prefere, quasi sempre, o que lhe dá manjar mais fino... polpa de fructo, polpa de fructo... A Victoria é sybarita. O romano que invadiu as Gallias venceu com as legiões ? não, sustentava a Victoria com o seu cerebro e assim tão boamente alimentada certo que ella o havia de proteger. Olha o monge que prega... quanto gasta no seu sermão para alimentar a crença?... e tudo mais é assim. A vida universal sustenta-se desse fructo que, como fructo, cae na terra e apodrece mas fecunda o sólo e deixa a substancia que se multiplica porque o fructo tem alma, é o germen que, por não perecer, perpetuando-se de arvore em arvore, tem quasi uma immortalidade como a obra humana que começou com a dissolução do Chãos e subsiste ainda... Percebeste ? E sabes qual é o bicho que devora esse fructo ? é a vaidade. Ha fructos insipidos, outros que mirram antes do outono, uns mais doces que outros, ha... Se vires um homem cercado de aves gananciosas e de abelhas zumbidoras, dize logo e has de acertar: bello fructo ! Ai ! delle se não souber defender-se dos cantos dos rouxinões e das adulações dos pardaes... Percebeste ?

Malvina e Dora apparecem á porta da camara; Malvina visivelmente prostrada.

O BOBO

Não fallarás... não fallarás... Não fallarás... Silencio!... Que horas se-
rão ? Já os gallos entoaram Matinas. (Ao pagem) Chut ! Alli vem uma jardineira...

DORA

Senhor Ducomar !

Ducomar e os cavalleiros voltam-se; vendo Malvina inclinam-se respeitosamente

MALVINA

Queres fallar-me, Ducomar ?

DUCOMAR

Sim, condessa.

MALVINA

E que tens a dizer-me? Falla, nada mais receio porque a maior desgraça já me veio ferir. Depois de desabado o edificio que faz uma pedra mais sobre os escombros?

DUCOMAR

Senhora, é uma boa nova que vos trago.

MALVINA

Tu a trarias se fosses embaixador da Morte.

DUCOMAR

Venho salvar o conde.

MALVINA

Tu!

DUCOMAR

Não eu, senhora que, se tal poder tivesse, já o vosso coração teria o seu echo. Alguem que me acompanha.

MALVINA

Oh! quem quer que seja só póde ter vindo por mercê divina. Ducomar, não zombes da minha desventura. Falla!

DUCOMAR

Senhora, é uma pobre mulher que vive retirada no monte, não porque a lei a tenha banido por indigna de apparecer nas estradas, mas por disposição voluntaria. E' uma dessas creaturas melancolicas que se comprazem no silencio e fazem modesta e recatada vida de virtude.

MALVINA

Fosse uma *weyve* eu della faria a minha primeira dama. Falla!

DUCOMAR

Informado por muitos dos vossos solarengos que, por levarem cabras á montanha, lá têm visto a montanheza, della tem recebido o mais bondoso

acolhimento e sabem quantos milagres tem realizado essa monja selvagem tomei o rumo que me foi indicado e lá, n'um sitio de grande aspereza e sombrio, fui achal-a triturando hervas santas com que prepara os seus balsamos reanimadores. Logo que lhe disse porque interrompia a taes deshoras o seu piedoso trabalho, com bondade promptificou-se a acompanhar-me impondo, apenas, por condição, que lhe fosse permittido apresentar-se com o véo no rosto e entrar na camara do enfermo sem companhia alguma. Bem vêdes, senhora, as condições são brandas.

MALVINA, com suspeita:

Mas... é mulher da montanha?

O BOBO, á parte

Alguma empuza, talvez.

DUCOMAR

Da montanha, senhora.

MALVINA

Lá a encontraste?

DUCOMAR

Já vos disse.

MALVINA

E' moça?

DUCOMAR

Pouco lhe vi o rosto...

MALVINA

E onde a deixaste?

DUCOMAR

Perto. Dai-me as vossas ordens e dentro em pouco tornarei com ella.

MALVINA

Vai!

DUCOMAR

Com a vossa palavra, senhora; respeitareis as condições...?

MALVINA

Vai!

O BOBO, á parte

Essa é das que se encobrem... Mulher dos montes... rosto ve-
lado...

Malvina baixa os olhos pensativa.

HIDALLA

Senhora, podeis despedir a melancolia.

MALVINA

Confias, Hidalla?

HIDALLA

Como na minha espada. Perguntai a todos os cavalleiros e estou
certo de que jurarão commigo.

CAIRBAR E LARA

Repetimos o juramento, senhora.

MALVINA

E porque assim confiais? que prova tendes?

CAIRBAR

A voz de todos que conhecem a mulher da montanha.

O BOBO, á parte

Quando todos fallam quasi sempre a Verdade foge atordoada.

MALVINA

E algum de vós já viu de perto essa montanheza?

CAIRRAR

Eu nunca a vi.

HIDALLA

Já estive perto da sua cabana mas não a vi, senhora.

LARA

Eu nunca a vi.

MALVINA

E como nunca aos meus ouvidos chegou noticias dessa estranha
creatura..?

DORA

Eu já ouvi alguém fallar dessa mulher da montanha.

O BOBO

Eu tambem.

MALVINA

Tu! quando..?

O BOBO

Quando ouvia historias no casal em que nasci...

MALVINA

E se fór uma demoniaca? uma dessas mulheres que mantêm relações
com os espiritos malditos?...

HIDALLA

E' uma santa, senhora.

MALVINA

Porque opera prodigios? as outras fazem maravilhas...

LARA

Senhora, os camponios affirmam.

MALVINA

Emfim se ella restituir a vida ao conde, que importa que o seu philtro
tenha sido feito com hervas dos desfladeiros colhidas em noites caba-
listicas...

DORA

Ella ahi vem, senhora...

O BOBO, persignando-se.

Ponhamo-nos em guarda.

O PAGEM

Receias?

O BOBO

Se receio...

CAIRBAR

Ei-a!

SCENA VI

Os mesmos e SAMLA

Ducomar entra pela esquerda seguido de Samla que traz no rosto um véo espesso e veste a tricana das camponias. Conserva-se immovel junto á porta em attitude altiva. Momento de silencio.

DUCOMAR

Se permittis que eu a conduza á camara...

Malvina faz um aceno affirmativo. Ducomar convida Samla com um gesto e leva-a até a porta da camara onde ella desaparece, tornando elle ao grupo dos cavalleiros.

CAIRBAR, baixo, a Lara.

Tem o garbo de uma rainha...

LARA, baixo, a Cairbar.

Ah! se lhe pudesses ver os olhos...

(Momento de attenção)

ARIA

SAMLA, na camara.

A madrugada exul

Retorna, amado meu.

Esplende a luz no ceu

D'um puro e lindo azul.

Por toda parte a alacridade é grande.

Dá-me o teu braço, vamos, meu amor!

O nosso bosque espera-nos em flôr

Mais perfumado que o de Brocelande.

MALVINA

Canta...!?

O BOBO

Os meus avós, os menestreis, curavam assim a melancolia...

DUCOMAR

Senhora, talvez seja um hymno sagrado...

Malvina e Dora aproximam-se da camara

SAMLA

Calou-se o rouxinol,

Desfere a cotovia.

Ahi vem dourado o sol

Resuscitando o dia.

A madresilva o seu perfume expande,

Sóa a fraguita amavel do pastor...

O nosso bosque espera-nos em flor

Mais perfumado que o de Brocelande...

MALVINA

Que diz ella?

DORA

Não percebo...

O BOBO

Falla em aves e em flores e nomeia a floresta em que dormiu Merlin...

SAMLA

Já me não queres mais;

Que te fiz eu? confessa?

Que é feito da promessa

Dos tempos passionaes?

Não te importas que eu soffra nem que eu ande

Dias e noites só, sem teu amor,

Enchendo de ais! o verde bosque em flor

Mais perfumado que o de Brocelande...

A VOZ DE ARMINIO, muito escassa

Samla...

MALVINA, agitada

Ouves, Dora? Ouves?

DORA, surprehendida

E' a voz do senhor...

MALVINA, entre a alegria e o espanto

E' a voz de Arminio.

A VOZ DE ARMINIO

Samla...

MALVINA, allucinada

Samla... elle diz Samla.. é o nome da feiticeira...

DUCOMAR

Talvez delire, senhora, mas já lhe vem voltando a falla. O espirito desvairado faz com que elle exprima-se desatinadamente.

SAMLA, na camara:

Arminio! ó doce Arminio! quão differentes foram as tuas palavras do teu proceder... Lembras-te? na casca d'um freixo novo gravaste com o teu punhal a promessa de que serias sempre meu, para o sempre...! Crescendo a arvore com os annos foram as palavras dilatando-se e, bem que não se possam medir com o meu desespero, são as maiores que meus olhos têm visto... e ainda hão de crescer com o tronco onde as deixaste; emtanto, no teu coração, foram diminuindo e nem, talvez, dellas mais a lembrança exista... Arminio!

MALVINA, arrebatadamente

Cavalleiros, a mim...!

DUCOMAR

Senhora...!

Malvina corre a cortina da camara e solta um rugido de odio...

O BOBO, á parte

Terá ella voltado á sua forma natural de demonio?!

OS CAVALLEIROS

Senhora...

DORA, procurando conter Malvina

Minha senhora...

MALVINA, n'um grande desespero

E' Samla!

A VOZ DE ARMINIO, muito fraca

Samla...

MALVINA, allucinada

O' astuciosa perfidia! Longe, aspide! Longe, vibora peçonhenta! Longe... (Expulsa Samla da camara). Pagem, vai a correr e chama todos os meus homens d'armas... todos! Que se prepare o cepo, que encandesçam as tenazes... Depressa! Depressa! (O pagem entra á esquerda, a correr). O' negra traição! Ducomar, homem jurado, quem te armou cavalleiro foi miseravelmente illudido. E vós outros, senhores, que fazeis? Porque tendes uma espada ao flanco? se é para ornamento embotai-lhe o gume, amolgai-lhe a ponta, se é para que possais cumprir o vosso dever de homens de honra tirai-a da inercia covarde...

Os cavalleiros baixam os olhos...

Eh! senhores cavalleiros...

OS CAVALLEIROS

Senhora, juramos...

DUCOMAR, adiantando-se

Senhora condessa, a minha vida pertence-vos, mas a vossa palavra está em meu poder... Eu não defendo Samla, mais faço: mantenho a vossa palavra que é a vossa honra...

A VOZ DE ARMINIO

Samla!

MALVINA

O' miséria! O' perfidia!... Malvina, meu senhor... Malvina! (Entra o pagem seguido dos homens d'armas) Não troqueis por tão infame appellido o nome do vosso amor... Malvina! Todo o sangue que estava cheio do meu

amor ter-se-lhe-ha escapado do coração ficando nas gottas, como um residuo peçonhento, a lembrança fatal d'um criminoso tempo..?! O' injurioso nome... Delirio, porque o denunciaste se eu, na minha ignorancia, era feliz...

Dora entra na camara. Aos homens d'armas

Levem-n'a...! Levem-n'a! E que os seus gritos sejam tão fortes que o echo fique para o sempre rememorando a minha vingança. Levem-na..!

Os homens d'armas avançam, Ducomar, porém, espada em punho, intervem defendendo Samla.

DUCOMAR

Que nenhum de vós ouse levantar o braço armado contra esta fraca mulher que confiou a sua vida á minha honra.

Os soldados recuam. Samla conserva-se impassivel.

MALVINA

O' meu coração... (De repente) Que balsamo tens tu, mulher perversa..? da-m'o e pede quanto quizeres em troca daquello fio de existencia... Dize que precioso elixir é esse que possues..?

SAMLA, surdamente

E' o meu segredo...

MALVINA

O' injuria! e confessa... Queres dizer que o balsamo com que o reanimaste...

HIDALLA

Senhora, se amais o conde...

MALVINA

Se o amo...?!

HIDALLA

Lembrai-vos então de que a sua vida está nas mãos de Samla...

MALVINA

Não... (ao pagem) Vai a correr, vai e dize a Malthos que venha...

LARA

Eil-o que chega justamente...

DORA, sahindo da camara

Ah! minha boa senhora... (Entra Malthos).

MALVINA

Vê, Malthos, meu bom amigo... Vê se ainda podes fazer alguma cousa. (Malthos entra na camara. A Ducomar). Traidor! (Aos cavalleiros, aos homens d'armas) E vós tambem... todos..! (Malthos sabe da camara cabisbaixo. Tomando-lhe a frente). Então Malthos? (Malthos fita-a sem uma palavra, baixa a cabeça e vai seguindo. Surdamente). O' misericordia divina! Misericordia divina! (Vendo que Samla chora). O' minh'alma! (Aos homens d'armas) Levem-n'a! arrastem-n'a d'aquí... (De repente, profundamente abatida). Nada mais! Nada mais...

CAIRBAR

Senhora... talvez ella ainda o possa salvar...

MALVINA

Quem?

DUCOMAR

Samla...

MALVINA

Não... Nunca! (Surdamente). Traidores...
Entreabre a cortina da camara e fica algum tempo arquejando, sem animo de entrar. Samla adianta-se, ella, porém, repelle-a com um gesto energico e entra na camara. Fóra sôa uma cornamusa e uma voz canta o romance do primeiro acto:

Antes de ver-te, Branca Flor, etc.

HIDALLA

A manhã... como ella vai ficar assombrada ao entrar no castello...

MALVINA, na camara

Arminio... (Ouve-se o baque de um corpo).

DARTHULA, á esquerda, fóra

Uma vara de freixo cortada d'um só golpe.

Entra com um ramo verde e pasma vendo a attitude dolorosa de todos.

LARA

Silencio, Darthula...

DORA

Corre a cortina da camara e recua horrorisada
O' horror! a senhora...

DARTHULA

O' poderes do céu...

Prostra-se chorando junto de Dora.

O BOBO

Vede! Vede... o triumpho sinistro do amor...

Corre a cortina, a camara apparece em toda a sua largura e extensão. No leito Arminio morto e moribunda, junto ao leito, um braço estendido para o esposo, Malvina apunhalada. Os cavalleiros avançam impetuosamente e á frente delles Samla; Malvina, porém, repelle-a com um gesto imperativo e, n'um supremo esforço, murmura, defendendo o corpo.

MALVINA

Não!... Antes a morte!... (Expira).

O BOBO

Oh! o sentimento avaro!

Os cavalleiros e os homens d'armas descobrem-se piedosamente. Ouve-se distinctamente a cornamusa e a voz que canta o romance.

SAMPLA á parte, commovida:

Como ella o amava!

Dora e Darthula começam a levantar o corpo de Malvina; o panno vem des cendo lentamente.

FIM.

Insertion
enclosed





